



Babilónia superlotada: representações de Lisboa na obra de Luísa Dacosta

Overcrowded Babylon: Representations of Lisbon in the Work of Luísa Dacosta

João Cunha Borges

DINAMIA'CET – Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE-IUL, Lisboa / Portugal
jcbsa11@iscte-iul.pt

Resumo: Este artigo estabelece paralelos entre textos da escritora portuguesa Luísa Dacosta (1927-2015) e a cidade de Lisboa, onde residiu nas décadas de 1940 e 1950. Tendo a escrita de Luísa sido notada pelo seu pendor autobiográfico e pela sua ligação com géneros literários como a crónica e o diário, identificam-se apontamentos verosímeis para a observação dum período fundamental no crescimento da capital portuguesa, então marcada por processos de urbanização planeada e transformadora. Assim, este artigo confronta textos de Luísa Dacosta com a história do urbanismo português, e particularmente da região de Lisboa. Do confronto entre a literatura e a história urbana obtém-se um retrato físico, mas também humano, da cidade como a escritora a conheceu e percepcionou, encontrando directrizes gerais sobre como a história da arquitectura e do urbanismo podem usar a literatura para compreender as implicações da transformação do espaço vivido.

Palavras-chave: Luísa Dacosta; Lisboa; planos de urbanização; crescimento urbano; arquitectura.

Abstract: This paper establishes parallels between texts by Portuguese writer Luísa Dacosta (1927-2015) and the city of Lisbon, where she resided in the 1940s and 1950s. Having Dacosta's writings been noticed for their autobiographical nature and connection with literary genres like chronicle and diary, reliable observations can be identified with respect to a fundamental time for growth of the Portuguese capital, then marked by processes of planned and transformative urbanization. Thus, this paper confronts Luísa

Dacosta's writings with the history of Portuguese planning, particularly in Lisbon. From the confrontation between literature and urban history, a physical and human portrait of the city as the writer knew it is sought after, while finding some general guidelines on how the history of architecture and urbanism may learn from literature the implications of transforming inhabited space.

Keywords: Luísa Dacosta; Lisbon; urbanization plans; urban growth; architecture.

Recebido em: 30 de setembro de 2019.

Aprovado em: 22 de dezembro de 2019.

1 Introdução

Luísa Dacosta (1927-2015) é, na literatura portuguesa, uma autora-de-culto: ignorada do grande público, reconhecida por pares e críticos, produziu uma obra escassa que foi encontrando leitores fiéis. Publicou durante quase sete décadas: *Província* (1955), *Vovó Ana, Bisavó Filomena e eu* (1969), *A-Ver-o-Mar* (1981), *Corpo Recusado* (1985), *Morrer a Ocidente* (1990), *Na água do tempo – Diário* (1992), *Planeta desconhecido ou romance da que fui antes de mim* (2002), *Um olhar naufragado – Diário 2* (2005) e *A Maresia e o sargaço dos dias* (2008), além das colectâneas *À sombra do mar* (1998), *Infância e palavra* (2001) e *Sargaços* (2005). É também autora de várias obras infantis e ensaios.

A sua escrita, que pouco se identifica com as linhas dominantes do seu tempo, mereceu a atenção de críticos como Álvaro Salema (1981, 1982, 1984), Maria Alzira Seixo (1984), ou Paula Morão (1993). Isabel A. Ferreira (2006) publicou uma biografia de Luísa, com entrevistas e uma crítica à sua obra. José António Gomes (2005) compilou em *Houve um tempo, longe* representações de Vila Real de Trás-os-Montes nos textos de Luísa. Aqui, pretende-se fazer um exercício semelhante, identificando e enquadrando as representações de Lisboa na obra da escritora.

1.1 Enquadramento e metodologia

Embora os textos de Luísa Dacosta não tenham sido escritos como observação da cidade, é legítima esta leitura. Os seus livros resistem

aos géneros literários tradicionais. Salema (1981, p. 81) identifica um “hibridismo conto-crónica”, e outros notaram a presença de registos como o diário e a prosa poética. Procurando um registo entre o realista (crónica) e o intimista (diário), a escrita de Luísa contém então um aspecto documental, mesmo que sujeito a tramas narrativas.

Luísa muda-se para Lisboa em 1944, para frequentar a Faculdade de Letras. Se o primeiro livro, *Província*, nos mostra a pequena cidade transmontana onde a escritora nasceu, em *Vovó Ana...* é Lisboa que vemos. A mesma cidade encontra-se também no *Diário*, anos de 1949, 1952, 1953, 1954, 1955 e 1956.

Este tempo da vida da escritora corresponde a um período decisivo para o crescimento urbano de Lisboa. Atravessa a transição do planeamento voluntarioso guiado pela acção política de Duarte Pacheco (1900-1943); e as décadas seguintes, marcadas pela reprovação sistemática de Planos Directores e pelos condicionamentos daí resultantes. Alude-se aqui à noção de “processo urbano”, no sentido de Spiro Kostof (1991): a relação histórica entre as mudanças físicas na forma urbana e as forças que a determinam.

Mas pode a literatura melhorar o conhecimento deste processo urbano? No caso de Luísa Dacosta, sem dúvida: pelas características da sua obra em que é definidora a celebração do quotidiano, do banal, do casual. Salema (1986, p. 90) refere a “melancolia dos pequenos destinos obscuros” e Morão (1993, p. 120) refere o “quotidiano sem história” como linhas dominantes. Os textos, com densas notações de cor e luz, são como cenas de rua e cenas domésticas, instâncias individuais das mudanças sociais, culturais e físicas que decorrem, de facto, num determinado lugar. Os lugares são, de resto, aspectos consequentes de como Luísa escreveu e publicou a sua obra. Cada livro tem um lugar: Vila Real em *Província*, Lisboa em *Vovó Ana...*, Porto em *Corpo Recusado*, A-Ver-o-Mar no livro homónimo, em *Morrer a Ocidente e A maresia...*

Integram qualquer processo urbano indivíduos e grupos cuja ‘voz’ não é, por norma, tida em conta, sendo a ênfase colocada nas forças institucionais ou económicas cuja acção é determinante para a forma urbana. Assim, coloca-se a questão: pode a literatura ajudar-nos a reconhecer as vidas anónimas que integram um processo urbano? Se a obra de Luísa tem sido reconhecida por se focar em vidas anónimas, procura-se aqui confrontá-la com elementos da história urbana que possam enquadrá-las. Que Lisboa encontramos? Como seria viver nela? E como mudou?

2 Lisboa em transformação

À transição do século XIX para o século XX, Lisboa pouco tinha em comum com a Lisboa de hoje. Cidade pequena e concentrada, pelo menos 40% do seu território era agrícola (NIZA et al, 2016). Pouco do território havia sido planeado. A carência de infraestrutura somase a carência habitacional, resultante de fluxos de população rural que procurava trabalho e melhores condições de vida (TEIXEIRA, 1992).

As conturbações políticas da Primeira República impediram uma resolução dos problemas urbanos de Lisboa. Foram planeados os Bairros Sociais do Arco do Cego e da Ajuda, mas a construção será já concluída sob o Estado Novo (1933-1974), ditadura chefiada por Oliveira Salazar entre 1933 e 1968. O Estado Novo encontra no engenheiro Duarte Pacheco uma visão ambiciosa para o crescimento de Lisboa. Pacheco é Ministro das Obras Públicas e das Comunicações entre 1932 e 1936, e novamente entre 1938 e 1943, quando é simultaneamente Presidente da Câmara Municipal de Lisboa (LÔBO, 1995).

Pacheco recorre inicialmente a profissionais estrangeiros, destacando-se o arquitecto francês Donat-Alfred Agache (1875-1959). Em Portugal de 1933 a 1935, Agache começa o Plano de Urbanização da Costa do Sol, que qualificaria a extensão de Lisboa para o Ocidente, através dos municípios de Oeiras e Cascais, e projecta a Estrada Marginal Lisboa-Cascais, e a Autoestrada, paralela à Marginal (PEREIRA, 2009). Quando Pacheco se torna Presidente de Câmara, convida Agache a regressar, mas este declina (PEREIRA, 2009). Pacheco entrega então os planos mais relevantes da época ao russo Étienne de Gröer (1881-1952), defensor do modelo inglês de cidade-jardim, que desenharia os aglomerados urbanos da Costa do Sol e o Plano Director de Urbanização da Cidade de Lisboa (PDUCL).

O PDUCL (1938-1948) expressa as principais ideias de Gröer para Lisboa, incluindo o desenvolvimento periférico de baixa densidade, a recusa da construção em altura, a circulação rodoviária e um regime de usos de solo e de zonamento (MARAT-MENDES; OLIVEIRA, 2013).

FIGURA 2 – Bairro da Madre de Deus e Bairro da Encarnação



O PDUCL foi aprovado pelo município, mas rejeitado pelo Estado central (LÔBO, 1995). Apesar disso, quase todas as propostas de Gröer foram implementadas. A falta de aprovação levou a que a Câmara de Lisboa formasse o GEU – Gabinete de Estudos Urbanísticos, para preparar o novo Plano Director de Urbanização de Lisboa (PDUL). Apresentado em 1958, foi reprovado pelo município.

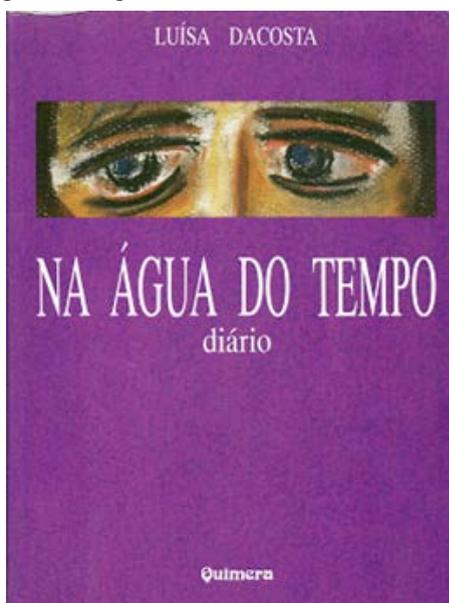
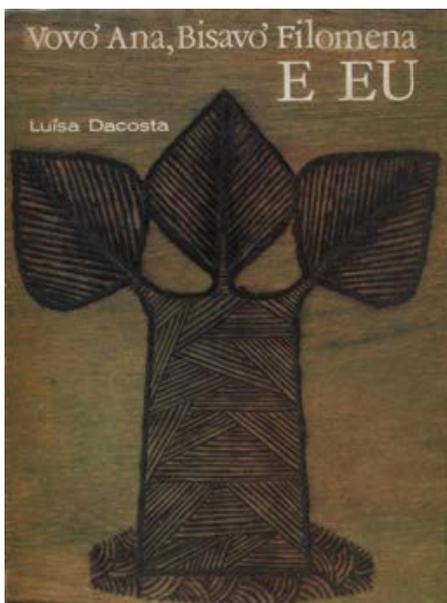
Uma das principais novidades do PDUL é a construção de grande densidade, bem como a extensão a malha urbana para a zona oriental, então predominantemente agrária. O PDUCL subestimara o crescimento populacional de Lisboa, pelo que a habitação promovida pelo Estado não resolvera a falta de alojamento. O PDUL responde a esta emergência, como às pressões dos especuladores imobiliários e dos construtores, negativamente afectados pela política de baixas densidades. O sinal de mudança surge ainda no PDUCL, com o Plano de Alvalade, de João Guilherme Faria da Costa, em que o prédio de quatro pisos é inserido num modelo de cidade-jardim.

No caso de Gröer como no do GEU, a reprovação dos planos não impediu que tivessem determinado o desenvolvimento da cidade, ainda que tenha limitado a sua actuação.

3 “Babilónia sobrelotada”

O livro de contos *Vovó Ana...* é publicado pela primeira vez em 1969, mas terá sido escrito antes. É pautado pela sensação de renovação, de uma cidade nova que começa a escalavrar a cidade velha. Com poucas referências (especificamente) localizadas, *Vovó Ana...* mostra a Lisboa dos anos 40 e 50. As cenas dos contos permitem, sob tramas narrativas, observar aspectos do processo urbano da Lisboa em modernização. Padrões de organização social, mobilidade e actividades estão indelevelmente presentes nas páginas de Luísa, como esta secção demonstrará.

FIGURAS 4 E 5 – Primeiras edições de *Vovó Ana, bisavó Filomena e eu* e de *Na água do tempo*



3.1 A grande cidade – a partir do ‘Prefácio’ de Vovó Ana...

Texto sequencial, dum longo e meditativo percurso, o “Prefácio” de *Vovó Ana...* é uma síntese de como Luísa via Lisboa, sempre tocada pelo “choque” que a “grande cidade” causa a “uma provinciana” (DACOSTA, 1983, p. 13). Reconhecendo que esta “Babilónia superlotada pela solidão dos homens” começou por assustá-la, diz também: “Com o passar do tempo a cidade tomou posse de mim” (DACOSTA, 1983, p. 14-15). Esta ambivalência permanece, entre fascínio e angústia, numa cidade agora cheia de “cancros que lhe minam a carne recente (verde-rosa) nascida de burocráticos planos de urbanização, de podridões ignoradas pelo turismo” (DACOSTA, 1983, p. 15). Nesta desconfiança dos planos de urbanização, em que a cidade já não cresce prédio-a-prédio e quarteirão-a-quarteirão como até ali, a autora nota uma importante consequência do PDUCL – a cidade já não depende de ruas radiais e ganha uma estrutura verdadeiramente urbana e planeada (MARAT-MENDES; OLIVEIRA, 2013). Mas se a melhoria das condições motivava o planeamento, para Luísa este falha às camadas mais baixas da sociedade lisboeta, como se verá.

Na frente ribeirinha, a narradora encontra este cenário:

Um garoto estripa enguias [...] Canastras, com rodilhas largas, de peixe-espada, prata de sardinha, ou o acamado rosáceo do cachucho. [...] Junto dos armazéns conversa-se ou sorve-se a talhada averdascada do melão. Duas fragatas [...] descarregam sal. [...] Noutra cais está atracada a Glória do Sado a abarrotar de sardinha. [...] Enquanto esperam, as varinas lavam as canastras. [...] As portas dos armazéns do peixe estão escancaradas. Pelo chão viscoso e sarrabulhento, como pele de eiró, os homens arrastam com longos dedos de ferro os caixotes de pescada, de linguado, de carapau, ou de chicharros, duma gordura tensa, de borracha soprada. À saída, despercebidamente encostado, um garoto recolhe rápido qualquer peixe que cai, e enfia-o, sorrateiro, na seira que traz presa à cinta. (DACOSTA, 1983, p. 16-17)

Esta é uma realidade que foi perdendo lugar em Lisboa: a produção e distribuição alimentar. *Vovó Ana...* mostra uma Lisboa onde parte considerável do trabalho e do espaço público são dedicados à alimentação. O peixe chega da Margem Sul, a ele corresponde uma distribuição de trabalho – também dividido sexualmente. Mas o mais significativo é o carácter público destas actividades. Esta cena assemelha-

se a outra, algumas páginas depois, nos mercados onde “cada lugar de venda é um altar de cor” (DACOSTA, 1983, p. 19): as cores de nabos, tomates, cenouras, feijão verde, azeitonas, nabiças, alfaces, couves roxas, beringelas, pepinos, rabanetes, cebolinhas e malaguetas, cravos, gladiólos e sécias (DACOSTA, 1983, p. 19-20).

Num texto de 2001 sobre Vila Real nos anos 30-40, o mercado surge também como espaço emblemático:

Movia-me muito entre o colégio e a praça [...] onde ia comprar, com os dois tostões ganhos a limpar os talheres, pinhas, castanhas, ou tremoços, conforme o tempo. Nos dias de mercado, os arredores enxameavam a cidade com molhadas de hortaliça, palha, vides para as braseiras, calondros, ovos, galinhas e garnizés. (DACOSTA, 2001, p. 13)

Com o seu colorido e a sua abundância, os mercados, e a própria comida trazem azáfama e encontro social, mas também um universo rural(izado) que subverte os “burocráticos planos de urbanização”. O tema ressurge no “Prefácio”, na meditação sobre as traseiras dos prédios:

de janelas abertas, debruçam-se conversas de vizinhança. E as cantigas dos cegos sobem dos pátios às cozinhas, avolumando as ânsias sentimentais das criadas, que lavam a loiça dos almoços. Qualquer coisa de campestre se desprende da folhagem de uns quintais numa imperceptível paz, que não se perde, que fica e se pode gozar, doutra maneira, nas pracetas e jardins. (DACOSTA, 1983, p. 16-17)

Se à época há grandes fluxos de população rural a fixar-se em Lisboa, os quintais de traseiras e as cozinhas surgem como lugares onde algum “habitus” rural pode encontrar-se, adaptado. Os próprios planos de urbanização durante a era de Gröer não deixam de reconhecer este “habitus”, mesmo que indirectamente – defendendo que cada casa tivesse logradouro para assegurar um pequeno espaço hortícola familiar (MARAT-MENDES; BORGES, 2019).

Esta “qualquer coisa de campestre” é, então, mais que uma intuição, e coexiste com “o giro possante dos guindastes [que] ergue sucata, caixotes, barris”, e com “operários, de ganga enfurretada”, invadida pelo “cheiro espesso, vagamente enjoativo, do alcatrão” (DACOSTA, 1983, p. 21).

FIGURA 6 – Alfama em 1910 (Fotografia: Joshua Benoliel, A.F.C.M.L.)



O “Prefácio” regista particularmente a mudança do anoitecer com o seu “acender de luzes amarelentas, rosadas, de intensidade repousante, como multidão de vaga-lumes nos bairros novos” (DACOSTA, 1983, p. 25). Esta imagem, espécie de delírio sereno, parece difícil de rever nos “burocráticos planos de urbanização”, mas provavelmente é aos novos subúrbios que alude. Esta descrição contrasta com a das zonas velhas, que poucas intervenções urbanísticas haviam recebido durante o século XX:

Os prédios das vielas escurecem funéreos, manchados pela lividez das luzes ou pelo espalmado branco dum bacalhau à porta das mercearias. As tabernas vomitam vapores avinhados e ritmos de jazz. Dos interiores, baixos e apertados, vem o zumbido das máquinas de petróleo, o choro rabugento das crianças e a azáfama do jantar (DACOSTA, 1983, p. 26-27).

Esta descrição surge quando algures entre Alfama e a Sé, nas ruas de “grande quietude” cujos nomes populares fazem esquecer momentaneamente “o que se passa por detrás do lampião vermelho duma entrada esconsa” (DACOSTA, 1983, p. 27).

A imagem da Lisboa velha em Luísa Dacosta raramente é tão sombria como aqui, talvez porque a maioria das cenas que constituem os contos são diurnas. A noite, após o devaneio das luzes nos bairros novos, converte-se em ferida nos bairros antigos, compactos e populares, cuja descrição sugere indigência e insalubridade.

Ao nascer de um novo dia, o “Prefácio” termina com um retrato implacável duma cidade cheia “daquela ínfima burguesia, que se vinca, que se engoma, que se lustra, para se tornar digna duma classe a que já não pertence. A burguesia periférica, que toca o proletariado, não se misturando com ele, [...] confiante no Estado, na ordem pública, na hierarquia, que a ignora, que não lhe paga as prestações, que a quer subalterna, ordeira e submissa” (DACOSTA, 1983, p. 29-30)

A adaptação de Lisboa ao estilo de vida burguês foi dominante neste período, e é apenas estranho que Luísa escreva esta descrição tão frontal num período em que as publicações estavam sujeitas a censura. A infraestruturação da cidade e novos bairros suburbanos, de facto, veicularam a fixação da classe-média em Lisboa, ainda que a região apresentasse grandes contrastes.

Os contos do livro, de resto, movem-se entre o universo da pequena burguesia e o da classe pobre. No primeiro Diário, em Setembro de 1952, encontramos Luísa a ler Tchekhov cuja influência existe nos textos de *Vovó Ana...*, também construídos por “vidas frustradas, a quem nada acontece” e pelo “marasmo do quotidiano” (DACOSTA, 2005, p. 34). Mas no caso de *Vovó Ana...* esta atmosfera une os personagens além das barreiras de classe. Além dos bairros novos e da azáfama de mercados e docas, a cidade é lugar de isolamento, onde os indivíduos facilmente são esmagados pelas pressões económicas e logísticas de uma cidade em mudança.

2.2 As habitações – da casa burguesa ao bairro-de-lata

A relação entre cidade e casa é um dos elementos mais complexos da obra de Luísa Dacosta. Depois da delicada “Dedicatória” à avó do título, *Vovó Ana...* começa com a descrição da grande cidade, enquanto o último conto, que dá título ao livro, marca o regresso à casa da infância, na província, espécie de reversão do carácter público, anónimo, sequencial e monumental do “Prefácio”.

Esta relação entre cidade e casa surge em *Vovó Ana...* particularmente nos contos “Vidas”, “Burguesia” e “Mulheres sós”.¹ Apesar de cada um se centrar em personagens dum estrato social específico, todos demonstram um vincado isolamento pessoal, de pequenas redes de relações que localizam vagamente os indivíduos no espaço imenso e indiferente da cidade.

“Burguesia” decorre no interior duma casa, centrando-se numa mulher que passa o domingo entre a presença vaga da empregada e a ausência do marido. Trata-se provavelmente duma casa apalaçada: “Passou pela saleta um olhar distraído [...]. Havia em tudo um arranjo sem estilo, um pouco irreverente e louco, despido do barroco pesado do resto da casa.” (DACOSTA, 1983, p. 93).

Como a saleta parece suspensa no “barroco pesado” da casa, também a mulher parece suspensa na cidade, isolada, revendo antigos retratos. A casa surge como vazio onde emergem memórias doutro tempo contraposto ao presente da mulher “mundana que o cabeleireiro tratava servil por «Madame», a manicura adulava por cálculo e o marido chamava respeitosa «filha»” (DACOSTA, 1983, p. 100).

Este conto confirma a tendência de *Vovó Ana...* para se debruçar sobre “molduras de retratos antigos, rostos e nomes que se perderam” como nota Morão (1993, p.120). Soma-se, no caso de “Burguesia”, a moldura duma janela, por onde a mulher observa o exterior:

Endomingadas, as gentes regressavam devagar, prendendo-se às montras, à estética das construções recentes, cruzando os grupos cochichantes das criadas [...] No terreno, onde tinham começado a abrir uma nova rua, havia um burburinho de feira, atraído por uma pista de automóveis. (DACOSTA, 1983, p. 101)

É provável que esta cena se localize em Alvalade, dados os “morros que circundam o aeroporto” (DACOSTA, 1983, p. 102), e a “nova rua” a ser aberta. A permanência de Luísa em Lisboa coincide com o Plano de Alvalade, bairro habitacional separado da Cidade Universitária pelo Campo Grande, recorrentes na Lisboa desta escritora.

¹ A casa do último conto localiza-se em Vila Real.

FIGURA 7 – Alvalade e Campo Grande (abaixo, esquerda) em 1953
(Fotografia – Abreu Nunes, A.F.C.M.L.)



Este conto mostra uma burguesia suburbana, que habita palacetes ou casas de bairros planejados, com ténues relações de vizinhança. Importa relembrar o toque sem mistura entre a classe-média e a trabalhadora no “Prefácio”, mas também as políticas habitacionais do Estado Novo, que enfatizavam a propriedade privada (TEIXEIRA, 1992). Neste conto, a mulher está tão distante dos rostos na moldura dos retratos como da vida fora da sua propriedade, que observa pela janela. A ênfase na vida familiar, que se verifica até nos documentos de planeamento (MARAT-MENDES; BORGES, 2019), tem contornos diferentes nos novos subúrbios em que a família alargada dá lugar à nuclear.

Nas duas cenas sobre duas mulheres de “Mulheres sós” acompanhamos, primeiro, Ilda num percurso até ao centro, para compras. Depois, acompanhamos Ema a preparar-se para um encontro. A condição remediada destas mulheres é explícita quer no regime de co-habitação, quer no facto de Ema dedicar o tempo livre a dar explicações. Quando Ema abre uma janela ao preparar o jantar, lemos:

entrou aquela vida familiar, multiplicada em gaiolas, casinhotos de arrumos, capoeiras, vasinhos de malvas e begónias das traseiras em frente. [...] Nas escadas de serviço antiquadas e ferrugentas ressequiam, nos pratos de esmalte, restos de comida dos gatos. Os últimos cantos dos galos erguiam-se estridentes, acima das corolas amarelas dos girassóis. (DACOSTA, 1983, p. 128-132)

Compare-se esta descrição com os pensamentos de Ilda na Praça Camões: “Caminhar por aquelas ruas estreitas, com uma vida de soleira, os vasos e as gaiolas à janela, dava-lhe uma sensação duma desconhecida paz de província. E, no entanto, era apenas uma ilusão consentida” (DACOSTA, 1983, p. 124).

Esta ilusão é mais vívida nas traseiras, povoadas por animais e plantas, ambiente mais rural que urbano. Este conjunto de pequenas descrições demonstra a observação de Luísa sobre Lisboa: não opõe interior e exterior, mas opera um corte transversal, que nos revela a casa, as traseiras e as ruas. Este corte mostra que, enquanto os planos de urbanização ordenam a cidade, a vida rural é remetida para o “invisível” das traseiras que Luísa observa, menos por voyeurismo do que pela breve e indirecta rememoração dos lugares da infância.

Já os personagens de “Vidas” haviam vindo da província em busca de melhor vida, mas acabam numa barraca em Almada. É provável que este conto tenha resultado do encontro de acaso que Luísa regista no *Diário*, em Dezembro de 1954, com “o poeta do jornalzinho da minha terra”, e sobre quem nota “as mãos descarnadas e o casaco roto no vinco da manga”, a “miséria magra, escovada, lavada, vincada” que manifesta “a amarga tragédia do funcionalismo subalterno” (DACOSTA, 2005, p. 50).

O protagonista é Emídio, pequeno funcionário de escritório de Lisboa a viver numa barraca em Almada, com a mulher e duas filhas, a mais velha das quais se encontra a fazer um aborto. A habitação da família é um problema pessoal, mais que espacial, com quatro pessoas a viver num “arremedo de casa, dividida por tabiques finos, que deixavam passar todos os sons” e em que a mãe “Vivia no receio humilhante que as pequenas se apercebessem das suas relações com o marido” (DACOSTA, 1983, p. 51).

Outras anotações mostram a profunda indigência da habitação: “Não havia separação entre a sala e a cozinha”, “o quarto, que um tabique fino separava da sala e da cozinha”, “O entulho do pátio [entra] pelo janelo”, “A corda que atravessava a cozinha” (DACOSTA, 1983, p. 40-52). O universo destes personagens define-se pela pobreza, em que “Os preços

eram lume” (DACOSTA, 1983, p. 50). A justificação de Adelaide para o aborto é reveladora: “Que é que a senhora queria? Que deixasse a criança nascer, para haver mais uma boca?” (DACOSTA, 1983, p. 53).

FIGURA 8 – “Cavaliças humanas” em Almada (GRÖER, 2006)



Em 1946, para preparar o Plano de Urbanização do Concelho de Almada (PUCA), Gröer (2006, p. 185-186) observa as habitações da cidade: encontram-se “habitações rurais (...) faltando completamente a higiene”, “cabanas dos pescadores, miseráveis abrigos em pranchas e sucata”, “prédios” muitos dos quais se encontram em “mau estado ou são velhos”, mas também “casebres [...] entre fábricas ou atrás de outras casas más” que Étienne classifica como “cavaliças humanas” (FIGURA 8) havendo ainda “casas antigas [...] reduzidas ao estado de casas sujas onde se aloja gente pobre” e ainda algumas “casas novas [que] não são melhores”. As observações de Luísa, provavelmente colhidas *in situ*, dão conta da profunda tragédia humana em que tudo isto se traduzia.

3 Contastes duma região metropolitana

Os anos 1940-1950 transformam o município de Lisboa, mas também a sua região. O primeiro plano regional surgirá em 1962 – sem aprovação – mas é Gröer quem, nos anos 40, desenha as primeiras

tentativas de desenvolvimento regional. A população metropolitana cresce e o planeamento propunha-se a controlar as consequências num território que necessitava de modernização (LÓBO, 1995).

Se Gröer defendia o modelo de cidade-jardim, os bairros do PDUCL carecem da conectividade e da capacidade agrícola defendidas por Howard (1902), estando mais próximos de Unwin. Mas no restante trabalho de Gröer, a afinidade com Howard revela-se.

FIGURA 9 – Étienne de Gröer – Região de Lisboa e suas extensões (GRÖER, 2006)



No esquema regional (FIGURA 9), Gröer propõe eixos suburbanos de três tipos: residenciais e turísticos (Oeiras-Cascais, Amadora-Sintra, Loures-Mafra-Ericeira, Caparica), industriais (Barreiro-Moita-Seixal, Montijo-Alcochete, Alhandra-Vila Franca) e mistos (Almada) (GRÖER, 2006). Consolida-se a cidade central, distribuindo radialmente pequenos aglomerados urbanos, separados por coroas rurais que definiam uma rede agrícola e florestal integral (MARAT-MENDES; BORGES, 2019).

Em *Vovó Ana...*, no entanto, não se encontram referências à Costa do Sol, o subúrbio de veraneio da Lisboa moderna. Já o primeiro *Diário* passa pelo Estoril – grande motivador do Plano da Costa do Sol (PEREIRA, 2009). Em Agosto de 1953, escreve Luísa sobre “Os

fantoches! Os fantoches! E todo o povo miúdo, da praia, foi comprimir-se, frente à barraquinha de estopa. Era a velha história do Romão, que ia ao barbeiro” (DACOSTA, 2005, p. 44), aludindo a um pequeno teatro infantil de rua. Este fragmento regista um momento fugidio que revela o ambiente daquele local, despreocupado e festivo, sem a miséria frequente das descrições de Lisboa.

Uma outra referência no *Diário*, de Novembro de 1954, diz respeito a Sintra, com a breve descrição duma pensão, “de peluches verdes coçados, de crochês a esgarçar, avencas tristes, saleiros de mau gosto” (DACOSTA, 2005, p. 48) que parece prolongar os espaços domésticos de *Vovó Ana...*, pois aquele lugar é “uma pensão para mulheres sós” (DACOSTA, 2005, p. 48).

Luísa estava agudamente consciente da realidade metropolitana de Lisboa. No “Prefácio” fala das “3as [sic] classes dos comboios das linhas do ramal, com o cansaço dos que moram fora por ser mais barato”, notando a idosa que guarda trocos “numa caixa de pomada que lhe serve de porta-moedas” (DACOSTA, 1983, p. 26). Talvez por intuir a relação entre suburbanização e pobreza, mais relevante do que os eixos turísticos da margem norte, é na obra de Luísa a margem sul. No *Diário*, em Outubro de 1949, refere uma ida à Outra Banda, notando como “na margem havia ainda barcos estirados numa modorra feita de redes, bambas, a secar” (DACOSTA, 2005, p. 21).

A margem sul, ou a Outra Banda, surge no “Prefácio”, com a sua “vaga cinza-verde apagada a esfuminho [que] nasce, como um longe indefinido das brumas silenciosas da manhã” (DACOSTA, 1983, p. 15). Almada surge depois em “Vidas”, em cenas de interior e exterior, bem como cenas diurnas e nocturnas. A espiral descendente da família provinciana é determinada pelas deficiências do parque habitacional de Lisboa: “Primeiro tinham sido as mudanças sucessivas para casas de rés-do-chão, cada vez mais baratas e mais afastadas do centro. Por último a outra banda. Vivia em Almada, quase numa barraca, como um vagabundo” (DACOSTA, 1983, p. 47). O diagnóstico de Gröer ganha cores mórbidas na descrição desta habitação, já discutida. São as “cavaliças humanas” que vemos quando Emídio, voltando já à noite de Lisboa, passa “o muro branco que ligava os dois prédios e escondia aos que passavam onde morava” (DACOSTA, 1983, p. 66). Isto, depois de voltar costas, no cais, à “fosforescência malévola da cidade, brumosa e ferida pelas chagas do néon” (DACOSTA, 1983, p. 62).

FIGURA 10 – Alameda D. Afonso Henriques, anos 50
(Fotografia: Estúdio Horácio de Novais, Biblioteca de Arte da F.C.G.)



Nas cenas diurnas, em Lisboa, as descrições de Alameda D. Afonso Henriques (FIGURA 10), mostram uma cidade intervencionada à grande escala sobre camadas históricas. Ao almoçar “pãezinhos com fritura de chouriço” à janela, Emídio vê “o começo da cidade nova” com “prédios modernos, monumentais” (DACOSTA, 1983, p. 45) – a mesma que cidade que é “escoadouro de gente desconhecida, onde se afundara” (DACOSTA, 1983, p. 46-47). A cena noturna, em que Emídio sai do escritório sob chuva, é um dos momentos mais perturbantes de *Vovó Ana...*, mas ao contrário da cena noturna do “Prefácio”, nesta vemos a cidade moderna, a da Alameda, emblema do urbanismo de Duarte Pacheco, sobrepondo-se à cidade oitocentista da Avenida Almirante Reis:

Os prédios sucediam-se lívidos, desbotados, sombrios e encardidos, apesar de lavados pela chuva, naquela rua interminável e antiga [...] A fachada duma charcutaria deu-lhe, a ele que só conhecia o gosto do peixe miúdo e da carne barata, uma imagem rápida de suculenta fartura. (DACOSTA, 1983, p. 58)

A Alameda surge como exceção negativa num dos seus elementos favoritos da cidade de Luísa – o jardim. Os jardins são particularmente

importantes em *Vovó Ana...* no conto “Cabra-cega”, mas é no *Diário*, num texto de Abril de 1954, escrito no Campo Grande, que encontramos o texto que melhor expressa este tema:

A vida do jardim, passos, vozes, correrias, gritos, tim-tim pedalado do homem dos sorvetes, a que respondia do outro lado da rua mais forte e menos brincado o do eléctrico [...] O enorme berlinde inchado de uma bola brinca na relva. Sobrevoando as árvores o rom-rom, gigante, dos aviões aumenta a preguiça, vadia, da tarde. As crianças refrescam-se no repuxo e armazenam bochechos que fazem espilhar num borrifo que o sol lantejoula (DACOSTA, 2005, p. 45-46)

No conforto dum jardim urbano, ao centro duma grande operação urbanística, fica à mostra o ambiente sossegado mas já urbano que se pretendia para Lisboa. O parque, verde mas não-produtivo, com os seus entretenimentos, é também o lugar de encontro com a natureza e com a modernidade – os aviões. A vida burguesa tem condições para se desenvolver, ainda que fique, na verdade, no centro de uma rede de bairros e de cidades onde a desigualdade é traço dominante.

4. Discussão – reler Lisboa, reler Luísa Dacosta

Como o tempo passa! Foram as árvores dos quintais das traseiras que mo disseram.
(DACOSTA, 2005, p. 57)

A cidade de *Vovó Ana...* encontra-se em plena transformação – realidade inescapável para quantos nela habitam, por entre constantes novos prédios, novas ruas, novos bairros. Os jardins preservam a quietude, as ruas ribeirinhas e os interiores de quarteirão preservam o que na cidade ainda é rural. No “Prefácio” referem-se vários elementos de forma urbana – ruas, casas, subúrbios e arrabaldes, traseiras das casas, jardins – que marcam um circuito que ramifica nos contos, em visões mais detalhadas, que expõem a cidade em várias escalas.

Morão (1993, p. 119) nota a afinidade entre Luísa e Cesário Verde, confirmada na visão pessimista de *Vovó Ana...* sobre Lisboa, lugar desmesurado e arrebatador, em que a identidade do indivíduo se dissolve e a dos lugares é justaposta a novas urbanizações. A cidade planeada e geométrica desagrada a Luísa, ainda que os bairros centrais,

acumulativos e adaptativos, não lhe mereçam visão mais positiva. Entre uma cidade velha e degradada e uma cidade nova e impessoal há lugares de respiração e benignidade: os jardins onde se encontram namorados e os lugares onde o universo rural se afirma, docas e feiras de alimentos como “altares de cor”, as traseiras dos prédios cheias de vegetação, animais e conversas de vizinhos, como restos de aldeias dentro de quarteirões.

Apesar da acção voluntariosa de Pacheco e da visão de Gröer, a cidade de *Vovó Ana...* e dos anos iniciais do *Diário* não é feliz. Pelo contrário, a classe burguesa afirma-se mas os pobres definham, empurrados para a periferia ou para fora do município. Mesmo os bairros camarários das primeiras décadas do regime revelaram-se inoportáveis para as classes pobres, incentivando mais a suburbanização. Através de planos guiados pelo PDUCL e pelo PDUL, o território lisboeta transformou-se. Novos bairros urbanizaram terrenos agrícolas, alguns eixos regionais desenvolveram-se, outros menos. Zonas de barracas existem ainda hoje na Região.

Com o novo milénio, Lisboa concentra-se no turismo e na preservação dos bairros centrais, prevista no novo Plano Director (PDML, 2012). As casas miseráveis que Luísa observou são reabilitadas, frequentemente após despejos, e convertidas em alojamento local, deixando os bairros históricos seriamente depopulados. A distribuição alimentar também se desenrola fora da vista dos habitantes, enquanto os mercados municipais, em reabilitação, se converteram em lugares de lazer para a classe-média (MARAT-MENDES; BORGES, 2019).

A classificação de todo o solo de Lisboa como urbano (PDML, 2012) eleva a não-productividade do solo a directriz de ordenamento. Espaços de produção alimentar já não se encontram facilmente nas malhas urbanas consolidadas, ainda que tenham vindo a ganhar importância em bairros de subúrbio (MARAT-MENDES; BORGES, 2019). A tendência que Luísa encontrava para uma crescente urbanização e suburbanização de Lisboa vem a confirmar-se ao longo do século XX e a reafirmar-se como estratégia de desenvolvimento urbano para o século XXI.

O caso de Luísa Dacosta demonstra como a literatura pode complementar um processo urbano. Profundamente autobiográfica, a sua obra é altamente representativa do percurso de vida de muitos portugueses no século XX: o nascimento na província, a casa da família alargada, com a educação a cargo de tias e amas, e a presença dos mortos em retratos e histórias. Depois a mudança para a cidade para frequentar a Faculdade – então pouco comum para uma mulher – uma

Lisboa em crescimento acelerado. Luísa fixar-se-ia nos anos 60 no Porto, e passaria temporadas em a A-Ver-o-Mar, a sua “morada e sede simbólica”, como aponta certamente Paula Morão (1994, p. 392). Mas *Morrer a Ocidente* dá conta já da invasão daquela pequena aldeia pela especulação imobiliária e o turismo. Com algo de testamentário, *Morrer a Ocidente* mostra a substituição duma sociedade tradicional e primária por outra, moderna e terciária. Nos últimos livros encontramos a cidade contemporânea, densa e descaracterizada, as torres genéricas dos subúrbios privados e o desaparecimento duma estrutura social afinal bastante recente. Pensada do ponto-de-vista do território português, a obra de Luísa Dacosta diz-nos muito sobre como ele tem mudado. O seu percurso de vida e a forma como entendia os lugares colocaram-na, atenta, em pontos-chave da transformação da paisagem e da vida de um país rural que se modernizou a custo.

Nota: este artigo não segue as normas do novo Acordo Ortográfico.

Financiamento

Este artigo está integrado no Projecto de Investigação SPLACH – Spatial Planning for Change, financiado pela Bolsa POCI-01-0145-FEDER-016431 e pelo COMPETE2020 – Competitiveness and Internationalization Operational Program (POCI) e por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e Tecnologia – FCT.

Referências

- DACOSTA, L. *Vovó Ana, bisavó Filomena e eu*. 2. ed. Porto: Figueirinhas, 1983 [1969].
- DACOSTA, L. *Infância e palavra*. Porto: Asa, 2001.
- DACOSTA, L. *Na água do tempo: Diário*. 3. ed. Porto: Asa, 2005 [1992].
- FERREIRA, I. A. *Luísa Dacosta: No sonho, a liberdade*. Póvoa de Varzim: edição da autora, 2006.
- GOMES, J. A. *Houve um tempo, longe: Vila Real de Trás-os-Montes na obra de Luísa Dacosta*. Porto: Asa, 2005.
- GRÖER, É. de. Plano de Urbanização do Concelho de Almada. *Anais de Almada*, Almada, n. 6-7, p. 151-236, 2006 [1956].

HOWARD, E. *Garden Cities for To-morrow*. Londres: Swan Sonnenschein, 1902.

KOSTOF, S. *The City Shaped*. Londres: Thames & Hudson, 1991.

LÔBO, M. S. *Planos de urbanização*. Porto: FAUP, 1995.

MARAT-MENDES, T.; OLIVEIRA, V. Urban Planners in Portugal in the Middle of the Twentieth Century. *Planning Perspectives*, [S.l.], v. 28, n. 1, p. 91-111, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1080/02665433.2013.737719>

MARAT-MENDES, T.; BORGES, J. C. The Urban Planning Transition History of the Lisbon Metropolitan Area. In: ANNUAL CONGRESS OF AESOP, 2019, Veneza. Veneza: AESOP, 2019. Comunicação apresentada.

MORÃO, P. *Viagens na terra das palavras*. Lisboa: Cosmos, 1993.

MORÃO, P. Luísa Dacosta: Morrer a Ocidente. *Colóquio-Letras*, Lisboa, n. 123-124, p. 392-394, 1994.

NIZA, S.; FERREIRA, D.; MOURÃO, J.; BENTO D'ALMEIDA, P.; MARAT-MENDES, T. Lisbon's Womb: An Approach to the City Metabolism in the Turn to the Twentieth Century. *Regional Environmental Change*, [S.l.], v. 16, n. 6, p. 1725-1737, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10113-015-0918-7>

PDML – Plano Director Municipal de Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa, 2012.

PEREIRA, M. O Plano de Urbanização da Costa do Sol – o pioneirismo de um plano sub-regional. In: *O Plano de Urbanização da Costa do Sol – Uma visão inovadora para o território*. Oeiras, Município de Oeiras, 2009.

SALEMA, Á. Luísa Dacosta – A-Ver-O-Mar”. *Colóquio-Letras*, Lisboa, n. 63, p. 81-82, 1981.

SALEMA, Á. Longe no tempo e no fundo do mar. *Colóquio-Letras*, Lisboa, n. 67, p. 86, 1982.

SALEMA, Á. Poder de comunicação. *Colóquio-Letras*, Lisboa, n. 90, p. 90, 1984.

SEIXO, M. A. Ficção. *Colóquio-Letras*, Lisboa, n. 78, p. 30-42, 1984.

TEIXEIRA, M. C. As estratégias de habitação em Portugal 1880-1940. *Análise Social*, n. 27(115), p. 65-89, 1992.